

## O CODICILO: EXERCÍCIO DE VIDA E MORTE DE UM PERSONAGEM CONCEITURAL

Ana Lygia Vieira Schil da Veiga<sup>1</sup>  
Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão<sup>2</sup>

*O que me desespera é que eu própria não seja um codicilo,  
um caderno, um livro, onde tudo o que acontece possa,  
a todo o momento, ser escrito.*  
(LHANSOL, 2009, p. 27)

### Prolegômeno

Codicilo ou pequeno códex é um documento que encerra certas disposições de última vontade, tais como estipulações sobre os funerais, esmolas de pouca monta, assim como destinação de móveis, roupas ou joias, de pouco valor. Faz-se por meio de um documento informal, assim como uma simples carta, e por isso se diz que é um instrumento particular ológrafo, isto é, escrito, datado e assinado pelo próprio codicilante. Assemelha-se a um testamento, embora seja geralmente menor e seja menos formal a sua feitura.

*Nossa destinação dispõe sobre nós, mesmo quando  
ainda não a conhecemos; é o futuro que dita a regra ao nosso hoje.*  
(NIETZSCHE, HHI 1879/2008)

### O fim da tese

**H**avia escrito uma tese. Sim, havia. Agora que acabara, sentia-se como morta. Vivia uma morte, estava a vestir-se de luto. Exagero, ana! Sempre exagerada. Pois sentia-se um pouco perdida, sim. Era como se faltasse algo. Tinha uma sensação parecida com a de ter esquecido alguma coisa e não lembrar-se o quê. És uma esquecida, ana! Sempre desmemoriada. A tese acabara, mas continuava a ouvir vozes. Os personagens não a deixavam em paz. Queriam algo dela, mas ela não sabia o quê. Dá logo o que te pedem, ana! Sempre egoísta. Pois, quis dar o que pediam, assim como quis escrever a tese como imaginavam que deveria, mas não sabia o que dar, nem como escrever. És quase doutora, ana, e pareces colegial! Sempre escolar, esperando que te digam o que fazer. Angustiava-se, pois. Já perto do fim, passou a vestir-se de preto. Sentia-se de luto. Algo morria, mas ela não conseguia precisar o quê. Mal consegues definir o que sentes, ana! Sempre incerta. Pois, talvez fosse isso, achava que, com a tese escrita, teria uma sensação de plenitude, de

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, investigadora do IELT – Instituto de Estudos da Literatura Tradicional da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: [ninaveiga@ninaveiga.com.br](mailto:ninaveiga@ninaveiga.com.br).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, bolsista de Iniciação Científica pelo acordo CAPES/FAPEMIG (Processo número: APQ-03416-12). E-mail: [leilianepaixao2014@gmail.com](mailto:leilianepaixao2014@gmail.com).

*conquista, de final-feliz, mas não. A tese estava escrita e só o que podia afirmar é que sentia-se estranha e confusa. És uma esquisita, ana! Sempre a complicar as coisas. Pois, não era assim que havia sonhado. Achava que, como uma doutora, saberia as respostas, esclareceria as dúvidas, efetuaria as metas. Pensara que, com a tese concluída, passaria de pronto a doutorar. No entanto, nada disso aconteceu. A tese acabara e o vazio se instalou. És uma estudante, ana. Sempre a precisar de títulos e confirmações. Pois, as vozes, os personagens, os fantasmas, atormentavam-lhe sem cessar. Em pesadelo, viu sua mão a escrever um documento. A manga do vestido negro fazia renda sobre o papel e a tinta da caneta borrava vez ou outra, tornando algumas letras ilegíveis. A tese acabou! Acordara suando, ouvindo a própria voz a gritar. Reprendia-se como sempre: és uma perturbada, ana. Sempre a delirar. Pois, estava decidida a por fim naquilo tudo. Escreveria um codicilo, um testamento a próprio punho, como vira no sonho. Nele, deixaria escrito o que desejara fazer, mas não conseguira. Destinaria a cada voz tão somente o que podia dar-lhe. Assinaria, registrando a data. A tinta rubra da caneta a marcar a página com um ponto final.*

### **O codicilo<sup>3</sup>**

*Escrevo na plena posse das minhas faculdades de leitura.  
Na hora em que redijo o meu testamento convido S. J. C. e  
Frederico Nietzsche a, por uns tempos, abandonarem a tua  
casa e o rio.  
Na nova vida que vou viver, que gostaria de viver  
convosco  
em espaços livres  
e cavalos sempre móveis,  
pensei em tornar-me caçador e guerreiro.  
Hoje é o dia 10 de novembro. Peço-te que escolhas os meus  
objetos mais amados para enterraes no teu jardim.  
Uma vez em campa estabelecidos, terão o seu lugar  
permanente de estadia. E muito tempo há de correr por mais  
breve que seja.  
(LHANSOL, 1982, p. 12)*

Relutaram, mas afinal, deixaram-me ficar com o caderno. Não sem antes tivesse eu de chorar um pouco. Choro falso, é bom que se diga, meu choro sempre o foi. Minhas lágrimas nunca contiveram sal. Divago, mas, enfim, escrevo. Apartaram-me de tudo, mas ainda escrevo. Alegria tola do escrever. A doutora nunca entenderá. Para que tanto choro por causa de umas tantas palavras sobre o papel? Não é melhor repousar? Divago outra vez. Perco sem cessar minhas ideias. Será assim. Sei também que serão prolixas essas linhas tremidas. Minhas ideias são variabilidades infinitas cuja desapareição e aparição coincidem. Sempre fui por demais prolixa, devo também, sem

---

<sup>3</sup> O codicilo traz a voz da personagem conceitual entremeada com o capítulo de conclusão de O que é Filosofia, de Deleuze e Guattari (2010): Do caos ao cérebro.

poder evitar, desperdiçar letra na restante vida. Sinto muitíssimo consumir as folhas e a tinta, que são agora racionadas, assim como o tempo, que não mais terei. Não consigo deixar de fazê-lo, é a alegria da escrita a consumir papel e tinta no exercício improdutivo do escrever.

Não é melhor repousar agora? A enfermeira vem a cada quatro horas. Nalgumas vezes mede a pressão arterial, noutras controla o soro ou injeta uma substância amarela com aspecto viscoso no cateter. Saiu faz pouco, o que me dá mais de três horas para concentrar-me no ofício ológrafo. Foi também a enfermeira quem comentou que submeteram o caderno ao esterilizador iônico. Significa que, tendo resistido por tantos anos a uma vida livre da sujeira e da desordem, ao chegar ao final, o caderno está asséptico e inofensivo, após uma exposição maciça a doses letais de redutores microbiológicos de esterilização radiológica. Eis um caderno enquadrado por isótopos radioativos. Rirei?

Talvez essa tentativa de humor trágico, essa melancólica ironia, nessa ácida retórica, com a qual já desperdicei um quarto de página e alguma tinta, seja fruto de temor. Ando temerosa. Nunca gostei de finais. Gosto menos ainda de procedimentos e lugares assépticos. Um final em local asséptico, sem dúvida, causa-me temor. Se pudesse escolher, preferiria não, mas não me é permitido optar, mesmo se lágrimas sem sal escorram. Mesmo assim, não me seria permitido optar. Acabar em meio ao caos da própria materialidade acumulada, entre fios repletos de fungos, tecidos cheirando a mofo não me é permitido. É necessário submeter a restante vida, mesmo que imprestável, a mecanismos de ação esterilizante. Destruir microrganismos nocivos. Foi sempre essa a questão, não é mesmo? É também assim ao objetivar a escrita. Pede-se sempre um pouco de ordem para proteger-se do caos. Afinal, nada parece ser mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não se domina, não é mesmo?

Fico a organizar vírgulas e a grafar palavras pouco usadas e nisso já se foram vinte minutos. Sempre tive dificuldades com as vírgulas. Virgulo imenso, disseram-me. Virgular e rascunhar: vícios no exercício de velocidades e lentidões impossíveis. É o instante que não sabemos se é longo demais ou curto demais para o tempo. É viver a receber chicotadas que latejam como nesta artéria espetada pelo abboath. É viver a evitar velocidades infinitas, que se confundem com a imobilidade do nada incolor e silencioso que percorrem, sem natureza nem pensamento. Sendo assim, agarro-me à cachimônia das vírgulas. Cachimônia, palavra velha, minha avó a usava, não me faça perder a cachimônia, ana, dizia. Nunca mais a ouvi, caiu em desuso. Sempre interessei-me por palavras desusadas. Li, quando ainda chegavam-me os jornais, que há palavras em vias de extinção. Penso nelas, em suas vidas por um triz, tal qual a minha. Estamos em vias de extinção, por pouco usadas e imprestáveis que nos tornamos. Selecionar o que presta e o que não presta. Essa é a questão fundante, não? Como uma palavra se torna imprestável? Como uma vida se torna desusada? Utilidades.

É preciso tornar-se útil. Tornar-se sempre foi questão para mim. Como alguém se torna? É disso que se trata, sim? Questões. ‘Quem, realmente, nos coloca questões?’. Eis uma citação de Nietzsche, nas minhas últimas palavras, nada mais clichê. Uma vida em confronto com os clichês terminada assim, em um conclusivo clichê, escrito prolixamente em um caderno esterilizado, a colocar em questão a finalidade da existência, enquanto o gotejamento do soro marca o compasso da restante vida. Nada mais clichê do que uma conclusão assim. E não foi sempre isso? Alguém em confronto direto com os clichês? Um artista ou um filósofo ou um cientista ou uma dona de casa a tricotar de improviso ou um vivente qualquer a criar, não importa quem, é sempre alguém em confronto com o clichê, não? A luta que se faz, quando se quer criar alguma obra, é contra os clichês que querem dominar. Clichês contra os quais não se sabe lutar, por se acreditar que são proteção. Por achar que sair dos clichês é cair no caos – sair do clichê-cair no caos – eis um destino a evitar. É exatamente isso, pois não? A sair do clichê,

mergulha-se no caos. E é o caos que temos de esterilizar, não é mesmo? É disso que se trata, não? É disso que se trata para – sabe-se muito bem quem. Para – sabe-se muito bem quem, importa tornar toda gente asséptica e normalizada, de tal modo que, após uma vida útil, morram em lugares livres de carga microbiana nociva, não é assim? O caos sempre foi o grande temor para – sabe-se bem quem. Não escreverei essa palavra gasta, não entre essas últimas palavras. Mas sabe-se bem onde estão os cavaleiros cruzados a combater o caos. Toda gente sabe, pois não? Não mancharei página com essa palavra – sabe-se bem qual. Sabe-se bem quem é aquele que se esforça para manter ideias a se encadear segundo regras constantes. E as associações de ideias jamais tiveram outro sentido: fornecer regras protetoras, semelhança, contiguidade, causalidade, que permitem colocar um pouco de ordem nas ideias, passar de uma a outra segundo uma ordem de espaço e do tempo, impedindo a ‘fantasia’ (divagação, delírio, loucura) de percorrer o universo no instante, para engendrar nele cavalos alados e dragões de fogo.

É do medo ao caos que se trata, sim? É isso que – sabe-se bem quem – teme. E o caos está em extinção aqui, junto com a vida e as palavras. Ninguém criará um fundo ou pintará faixas para evitar que desapareçamos por completo. Ninguém notará que junto à extinção do caos, palavras também desaparecerão de vez. Há palavras demais. Toda gente sabe. Quanto a mim, não há de se perceber o desaparecimento de alguém que nunca existiu, não é mesmo? Tudo o que sempre fui foram palavras e fios. Prolixas palavras grafadas em um caderno de artífice, entre debuxos e mostras de pontos. Rascunhos de uma vida que não houve. Afinal, se não fossem os rascunhos, como garantiria um pouco de ordem nas ideias? E se não houvesse também nas coisas ou estado de coisas, como que um anteaos objetivo, que o rascunho permite desvelar, como se faria, a redação da boa letra, na manutenção da existência? O rascunho colabora para que haja um acordo entre coisas e pensamento, não é mesmo? É preciso que a sensação se reproduza, ao passar a limpo o rascunho, ao executar o debuxo, ao desenvolver a mostra, como garantia ou testemunho desse acordo. O presente em conformidade com o passado. É o que o rascunho assegura. Um guarda-sol a proteger do caos.

Uma página inteira em letra tremida e idosa, e ainda não dei início ao codicilo. Tenho pouca tinta, quase não restam folhas no caderno. Não terei como passar a limpo o ológrafo e ainda fico a divagar. Tenho urgência em escrever. Tenho urgência em destinar. Trata-se de destinação, então? Quanta pretensão. Comandar o destino de um outro? Hipócrita! Garantir? Hipócrita! É disso que se trata? Constituir leitor mandado? Destinar ações? Programar gestos? É disso que se trata? Pois não sou nada além dela mesma – sabe-se bem quem. Sou eu mesma como ela. Programar vidas, definir gestos, esterilizar o caos. É o que quero fazer com essa escrita? Organizar o caos? Um codicilo para garantir o destino das miudezas para que não se percam no caos? Ora, pois! Para quem irão tuas agulhas de tricô? Tua roda de fiar? É disso que se trata? Garantias, presentes, recompensas, agradecimentos? Dever cumprido, consciência tranquila e serenidade? É o que temos aqui? Hipócrita! Por que ainda temer grafar o nome dela? Para manter-se pura? Manter a página imaculada? Livre da nefasta palavra? Hipócrita! És tu mesmo ela. Respondes tu pelo mesmo nome dela. Escreves em nome dela. És tu mesmo – sabe-se bem quem. Digas! Digas teu nome próprio. Digas como te chamas. Digas que te chamas Educação. É disso que sempre se tratou, não é mesmo? Garantir uma vida educada, que sirva para alguma coisa, que deixe frutos e aponte caminhos. É isso que queres, não é mesmo? É para isso que escreves um codicilo, para que tua própria letra indique suas últimas vontades, coordene os gestos de outrem, garantam o destino dos teus miúdos objetos. Não é isso mesmo? Cala-te! De onde surgiu essa terceira pessoa em papel? Desde qual linha tornou-te outro a apontar-me as falhas? Uma voz de consciência? Um leitor fantasiado? Um narrador onisciente a intrometer-se? Um personagem fantasiado a dialogar com um eu lírico delirante? Hipócrita! Educação és tu também, então. Uma educação, uma consciência. É disso que se trata? E se a resposta fosse simplesmente – sim. Sim? Sim! É disso que se trata. E então? Educação há

muitas. Que diferença faz? Que isso importa? Escreves! A escrita é mais do que nós. Do que eles. Do que tus ou tis. A escrita é mais do que um nome. A escrita não se preocupa com a falta de tinta, com a escassez de papel. Ela segue e segue, por entre a carne, por sobre a pele. E é só nela que o caos pode expressar-se quando a restante vida acaba. Duvidas?

Façamos destinação escrita, então! Que seja! Queres destinar o quê? Tua caixa de costura? Para quem vai? Teu estojo de giz de cera? Não me faças rir. A essa altura, tuas miudezas devem estar em algum bazar de caridade ou incineradas. Ao te transferirem para cá tudo já foi providenciado. O que tens? O que tens a destinar? O caderno? Ele? Nada mais. Nada mais? E o que existe além dessa cama de ferro e desse soro que pinga? O que mais existe além disso que traz agora consigo? A imanência uma vida. Lembras? Uma vida inspirada em uma antroposofia da imanência, ocupada com a vida-viva e não com a invocação de figuras além dela. Uma vida que não subordina a imanência à transcendência. Lembras? Houve um tempo em que pensavas assim. Fácil falar no conforto do sofá em colóquio ardoroso e etílico. Fácil declamar em citações decoradas diante de alunos recém-ingressos. Fácil escrever em artigos publicáveis. Fácil. Digas tu agora. O que tens? Nada? Nada mesmo? O que tens agora, quando nada parece ter, ana? O caderno? Um caderno de artífice, em rascunhos nunca passados a limpo, até suas últimas páginas. Eis o que restou da restante vida, vistes? O soro vai acabar em breve, e tu ainda escreves neste caderno, ana! É disso que se trata. De uma vida. De uma vida que se torna e se artista até não ser possível nada mais. Do contrário, não seria melhor repousar? Por que manténs a escrita? Digo-te: por que é tua arte, ana! É disso que se trata, fazer da vida uma obra de arte, fazer de qualquer coisa matéria de expressão. Não tens o fuso, nem o tear, mas chorastes lágrimas sem sal para conseguir teu caderno e tinta e uma caneta a registrar delírios. Codicilo? Enganas-te! É a arte da escrita que te embriaga. É ela que te exige mais. É ela que traça um plano sobre o caos. Teu caderno, ana, olha-o tu. É o que tens, além desta cama de ferro e deste soro que pinga. Ele é teu plano. Não são suas cousas em uma casa para onde não mais voltarás. Não é um firmamento pintado sobre um guarda-sol a te abrigar do caos, não são promessas de um futuro que não mais verás. O caderno, ana, só ele. Percorra essas páginas. O que vês? Arte? Não? Sim? Filosofia? Não? Sim? Ciência? Não? Sim? As três disciplinas estão nele e não estão. Entre elas, produziste um modo de existir, ana! Eis o Caderno de Artífice. Olha-o. Vês? É ele que te permite rasgar o firmamento e mergulhar no caos. Só vencemos o caos a este preço. Atravessarás o Aqueronte três vezes como vencedora? Essa é uma destinação, ana, retornar do país dos mortos. Conseguirás? Não sabes, mas continuas a escrever. Nunca saberás e continuas a escrever em teu caderno, ana. Olhas para ele agora. O que vês? O filósofo, o cientista e o artista parecem retornar do país dos mortos. E tu? Se voltares de lá, o que trarás? O que o filósofo traz do caos são variações que permanecem infinitas, a traçar um plano de imanência. O cientista traz do caos variáveis, tornadas independentes por desaceleração, coordenadas finitas sobre um plano de referência. O artista traz do caos variedades, que não constituem mais uma reprodução do sensível no órgão, mas erigem um ser do sensível, um ser da sensação, sobre um plano de composição, anorgânica, capaz de restituir o infinito. Uma maneira na arte, na ciência, na filosofia, mas trata-se sempre de vencer o caos por um plano que o atravessa. As três disciplinas lutam com o caos, ana. E tu? Estaria essa luta no coração do teu caderno, ana?

Terás conseguido traçar um plano, ana? Nunca saberás por ti mesmo. Agora sim há o que destinar. Resta a ti destinar e partir. Destina, pois. A quem? Ao leitor. É disso que se trata, não? Ler e escrever e pintar e tecer e fiar, não é mesmo? É disso que essas páginas tratam, sim? Traçar uma linha de vida entre a ciência, a filosofia e a arte. De modos de existir em movimentos variáveis entre essas disciplinas, pois não? Chega! Não posso pensar em um leitor-explorador. Adoece-me. Adoecer? Vais morrer, ana! Fado certo. Vês? O soro está a acabar! Quantos mais virão? Passarás por uma catástrofe – a maior – e deixará no caderno o vestígio dessa passagem. Somos seres de passagem, ana. Tu bem o sabes. Deste um salto a te conduzir do caos à

composição? Pensa! As próprias equações matemáticas não desfrutam de uma tranquila certeza, mas saem de um abismo que faz com que o matemático ‘salte de pés juntos sobre os cálculos’, que preveja que não pode efetuá-los e não chega à verdade sem ‘se chocar de um lado e do outro’. Escuta-me! E o pensamento filosófico não reúne seus conceitos na amizade, sem ser ainda atravessado por uma fissura que os reconduz ao ódio ou os dispersa no caos coexistente, onde é preciso retomá-los, pesquisá-los, dar um salto. É como se se jogasse uma rede, mas o pescador arrisca-se sempre a ser arrastado e de se encontrar em pleno mar, quando acreditava chegar ao porto. Queres âncora ou navegar? As três disciplinas procedem por crises, ana, abalos de maneiras diferentes. Que abalos passas tu, neste caderno de ciência, ou não, de filosofia, ou não, de arte, ou não? Digo-te que a luta contra o caos implica em afinidade com o inimigo, porque uma outra luta se desenvolve e toma mais importância contra a opinião, o clichê que pretendia proteger-te do próprio caos. É preciso abrir uma fenda no guarda-sol, rasgar até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso. Terás rasgado o firmamento em teu caderno, ana?

*Temos a arte para não morrer da verdade.*  
(NIETZSCHE, HHI 1879/2008)

## A herança

**D**esceu da aeronave, carregando uma única bagagem. Na pequena valise, artigos de toalete e uma muda de roupa interior. Nada além. Não pretendia demorar-se. A morte da avó produzira um tumulto na agenda repleta de conferências, aulas e reuniões. Desde que fora para a França, a cursar o doutoramento em Filosofia, na Universidade Paris VIII, não mais havia estado em Lisboa. Há alguns anos, tornara-se docente em Vincennes, na mesma cátedra que pertencera a Deleuze, do qual se fez especialista. *Eh bien, aproveitarei o dia por cá, a visitar duas escolas que muito estou a adiar. Ansi, o imprevisto não será por demais improdutivo. Enquanto o táxi a levava pelas ruas da Alta, em direção ao Cemitério dos Prazeres, ia a tentar lembrar-se da última vez em que havia se encontrado com a avó. Laissez-moi voir, creio que foi há uns quatro anos, no Le Grand Véfour. Ah oui, a velhota foi para o lançamento do meu livro Deleuze: Filosofia e Educação. Caminhou pela longa alameda, à sombra dos antigos ciprestes, a cruzar o Talhão dos Artistas: Cesário Verde, Maria Gabriela Lhansol, António Gedeão. A literatura portuguesa... Espantou-se com a distância entre si e a cultura de sua gente. Arrêter de penser absurde, ana, est une française maintenant. Apressou o passo para chegar ao local da inumação da avó. Estaria adiantada? Apenas uma pessoa a aguardava junto ao jazigo. Bom dia, senhora, sou Matilda, do Hospital Todos-os-Santos. O corpo de sua avó só deve chegar pelas onze. Encarregaram-me de entregar-lhe alguns poucos pertences. Neste envelope, junto ao Bilhete de Identidade, há um anel e aqui esse caderno. Disseram-me que nos últimos dias insistiu em tê-lo com ela para escrever. Uma auxiliar de limpeza encontrou ao chão algumas folhas que lhe foram*

*arrancadas. As recolhemos e pusemo-las logo ao início. Talvez valham de alguma coisa. Passe bem, meus sentimentos. Irritou-se ao perceber que ainda faltavam cinquenta minutos para as onze horas. Un autre revers, désagréable! Sentou-se num banco de pedra e abriu o caderno. As folhas soltas e amarrotadas traziam uma letra alongada e trêmula, em tinta rubra. Começou a ler o que pensava ser as singelas últimas vontades de uma velha tecelã, mas foi arrebatada pela violência das palavras. Un monologue intérieur? Incroyable! Destination? Uma tempestade invadiu-lhe o corpo. Levantou-se. Olhou em volta, à busca de algo no qual se agarrar. Sentou-se novamente. A pedra pareceu-lhe ainda mais fria. Enfim, depois da segunda leitura, pegou na bolsa a caneta e, a repetir o gesto ritual do pesquisar, fez uma anotação à margem da folha, letra trêmula, feito a da avó: "antroposofia da imanência", seguida de três interrogações. Avançou na leitura como se adentrasse a um território, a invadir uma morte repleta de vida. Entre anotações de afazeres domésticos, receitas e debuxos rascunhados, alguns textos que pareciam mostrar que a avó fazia literatura enquanto cozinhava ou deitava os fios ao tear. Escreveu mais algumas palavras às margens: "beguinas", "duplo-têxtil", "corpalma", "outonar", "devir-mulher da escrita". Segurou nas mãos alguns fios embaraçados entre os dizeres: "Eu não faço separações. Para ser real e para dizer realmente como eu apreendo – apreendo estando lá. Sinto, vejo, penso, tudo é simultâneo. Pensar é com o corpo". Afastou os olhos do caderno e, sem perceber, os pousou nas figuras que desde o começo da manhã tentava evitar. As moiras de pedra que a avó mandara esculpir por ocasião da morte precoce de sua mãe: Cloto, Láquesis e Átropos sempre a assustaram. Após o funeral, voltaria ao hotel. Sentia que o fuso de uma nova pesquisa estava começando a girar.*

## **Referências**

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1991/2004.

LLANSOL, Maria Gabriela. *A restante vida*. Porto: Afrontamento, 1982.

\_\_\_\_\_. *Livro de Horas I – Uma data em cada mão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano II*. São Paulo: Cia. de Bolso, 1879/2008.